



## OS DESAFIOS DA FORMAÇÃO DOCENTE EM RELAÇÃO A PRÁTICAS INCLUSIVAS E A CONTRIBUIÇÃO DA TUTORIA DO NAI NESSE ASPECTO

RAYNE PLAMER KOHLER<sup>1</sup>; ALINE NUNES DA CUNHA DE MEDEIROS<sup>2</sup>

<sup>1</sup>*Universidade Federal de Pelotas –raynepk5@gmail.com*

<sup>2</sup>*Universidade Federal de Pelotas – alinencm@gmail.com*

### 1. INTRODUÇÃO

Este trabalho visa discutir a relação das práticas como tutora do NAI desde o início deste ano, os estudos realizados ao longo de seis semestres do curso de pedagogia e a experiência como professora auxiliar em escolas de educação infantil, todas elas conectadas pela necessidade do pensar de práticas realmente inclusivas, de acordo com a realidade que nos cerca, considerando e, principalmente, refletindo sobre as dificuldades encontradas nesse caminho e o aprendizado que fica diante dessas experiências. Como resultado, chegamos a insuficiência da universidade em preparar os futuros docentes para atuarem em sala de aula neste quesito, pois a grade curricular oferecida pela universidade conta com pouquíssimo aprofundamento sobre esse tema, o que nos faz chegar a prática nas escolas completamente despreparadas para a realidade. Concomitantemente, abordo a importância da experiência que este núcleo proporciona para criar um olhar mais atento e sensível às necessidades dos alunos que estão ao nosso redor, pois essa experiência não fica restrita somente a universidade, considerando que as salas de aula, desde a educação infantil, necessitam cada vez mais de professores preparados para lidar com essas dificuldades. Outros resultados apontam a necessidade de políticas educacionais que proporcionem maior preparo e tempo de estudos para os profissionais, além de estrutura de trabalho, visando atender as necessidades da sala de aula. Para a escrita deste trabalho, utilizei como auxílio os seguintes textos: *As práticas curriculares de sala de aula e a constituição das diferenças dos alunos no processo de ensino e aprendizagem*, de Geovana Mendonça Lunardi, *Inclusão e inovação pedagógica: políticas e práticas de formação no ensino superior* de Marco Antônio Melo Franco, Marcilene Magalhães da Silva e Edmilson Minoru Torisu e aliado a essas discussões, o artigo: *Processos de Formação de Professoras Iniciantes*, de Maévi Anabel Nono e Maria da Graça Nicoletti Mizukami.



## 2. METODOLOGIA

No ano de 2020, em meio a pandemia do coronavírus, ingressei no curso de pedagogia noturno da UFPEL, este que sempre esteve em meus objetivos, até mesmo quando criança, em que as brincadeiras preferidas giravam em torno de ser professora e dar aula para os alunos imaginários. Essa imaginação vem tornando-se pouco a pouco, realidade. Hoje, já no 6º semestre, reflito o quanto aprendi até aqui e o quanto as práticas as quais me integro colaboraram para a construção da professora que desejo formar.

No início deste ano, ingressei como bolsista para o Núcleo de Acessibilidade e Inclusão da UFPEL (NAI), que desenvolve um trabalho buscando tornar mais acessível e inclusivo o ensino superior, e uma das suas vertentes se faz com as tutorias, na qual atuo. Elas ocorrem durante a semana em um prédio da universidade, exigindo um total de 20 horas semanais de dedicação do bolsista. A dinâmica envolve encontros presenciais e remotos e a rotina dos atendimentos incluem conversas, trabalhos e estudos não só das disciplinas programadas, mas também interdisciplinares, com materiais adaptados e recursos produzidos buscando diminuir as dificuldades e amparar na compreensão dos conhecimentos. Em relação a pedagogia, este trabalho feito através das tutorias se assemelha no pensar de alunos como seres heterogêneos que somos, onde cada um aprende em um ritmo, de formas diferentes e não existe uma “fórmula mágica” a ser usada para todos, cada qual deve ser visto como único, pois “se os alunos chegam de maneira diferente e são tratados de forma igual, as diferenças de rendimento escolar são constituídas nesse processo” (LUNARDI, 2005, p. 6).

É necessária a existência de um conjunto de ações que assegurem, de fato, a igualdade de participação, o respeito e a valorização das diferenças humanas. Nós, educadores, somos atores-chave no desenvolvimento de práticas pedagógicas inovadoras no intuito de promover uma educação mais inclusiva. A cultura institucional inclusiva parte do princípio de que todos são responsáveis pela vida da instituição e qualquer desafio nela ocorrido é da responsabilidade de todos, e não de apenas uma pessoa ou um segmento da comunidade acadêmica. (Franco, Silva e Torisu, 2018, p.1331-1332)

Em contrapartida, pondero o quanto nos falta uma formação básica fundamental para realmente entendermos a importância da acessibilidade e a inclusão, bem como fazê-la, pois, para que o aluno realmente esteja incluído, vai muito além do que colocá-lo no mesmo ambiente que os outros, é necessário garantir a permanência e de fato, o aprendizado. Por não haverem discussões mais profundas na nossa formação, acabamos chegando na sala de aula completamente despreparadas para a realidade, vi inúmeras colegas desistirem dos estágios, e por vezes até do curso, por se depararem com um choque de uma realidade bem mais complexa do que é vista na teoria, que acaba causando a sensação de completo despreparo e incompetência para atuar como profissional em sala de aula.

O aspecto de sobrevivência tem a ver com o “choque de realidade”, com o embate inicial, com a complexidade e a imprevisibilidade que caracterizam a sala de aula, com a discrepância entre os ideais educacionais e a vida cotidiana nas classes e escolas, com a fragmentação do trabalho, com a dificuldade em combinar ensino e gestão de sala de aula, com a falta de materiais didáticos, etc. (Nono e Mizukami, 2006, p. 383)

Esse choque de realidade por vezes torna-se um momento concludente na permanência ou desistência dos futuros profissionais da área, quando, na verdade deveria ser o contrário, um espaço para colocar em prática todos os aprendizados realizados ao longo dos estudos na graduação.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Há dois anos trabalho como professora auxiliar e já passei por duas escolas de educação infantil, e dessa experiência, percebi a ocorrência de várias crianças com necessidades específicas. Além disso, ouvi diversos relatos de professoras preocupadas por não saberem como proceder com o público que apresenta essas necessidades e, nesse sentido, solidarizo-me e compartilho das mesmas angústias, pois a faculdade prepara de forma insuficiente para esse cenário, no qual os novos professores terão pela frente, uma sala de aula com quinze ou mais crianças em que várias precisam de uma atenção mais direcionada e que em muitos casos faltam estruturas para viabilizar esse ensino. Essas estruturas são desde o tempo para estudos e planejamentos da professora, como a estrutura da sala de aula, com mais pessoas para auxiliar, materiais adaptados e um ambiente voltado ao bem-estar e o desenvolvimento das crianças. Por isso, é necessário que as políticas educacionais sejam revistas, buscando priorizar e investir em estudo para esses profissionais e em condições de trabalho, para que, verdadeiramente, seja atingida a meta de aprendizado pleno dessas crianças, que têm os mesmos direitos das demais e necessitam ser incluídas. Essa lacuna na formação precisa ser revista, pois a faculdade, ao tratar timidamente do assunto, corrobora para uma formação fragmentada, na qual a acessibilidade e inclusão não têm o destaque merecido na grade curricular dos cursos. A inclusão perpassa desde a educação infantil ao ensino superior.

Antes de ser bolsista do NAI, não fazia ideia da sua existência e do trabalho desenvolvido na universidade, talvez porque eu nunca havia precisado desse auxílio e normalmente quando não necessitamos de algo não entendemos tão bem a dimensão disso na vida de tantas outras pessoas. Nesse sentido, o NAI desenvolve um papel importante na minha formação, proporcionando com que eu possa ter um olhar mais atento e preocupado com quem está ao meu redor, fazendo com que eu busque maneiras de remodelar as formas de ensino-aprendizagem, pensando naquele aluno como único, entendendo as suas demandas e dificuldades e procurando soluções. Por não ter nenhuma formação específica nessa área, o aprendizado se faz através de cada encontro, em que observo quais são as dificuldades e facilidades do aluno, para entender onde há maior necessidade de intervir e auxiliar. Na educação infantil não é diferente, o aprendizado é diário e mútuo, aprendendo a melhor forma de lidar com as situações, o que influencia em como a criança vai reagir, as brincadeiras que ela gosta ou não, quais procedimentos utilizar para a mediação do aprendizado, tudo



isso só acontece com muita disposição e dedicação. Apesar da profissão docente ser desgastante e por vezes, desanimadora, cada gesto de carinho recebido e cada progresso atua como um agente propulsor, que nos impulsiona a acreditarmos na importância do trabalho desenvolvido pela nossa profissão.

#### 4. CONCLUSÕES

Tendo em vista os aspectos observados, entendo que a experiência que o NAI proporciona com as tutorias, bem como os desafios já encontrados em sala de aula, mesmo ainda não estando formada, faz com que sejamos mais preocupados em lutar por práticas acessíveis e pela melhoria do ensino, tanto o nosso, para que esse assunto seja mais discutido na universidade e faça parte dos nossos estudos como futuros docentes, quanto no pensar de estratégias que garantam que esses alunos sejam realmente incluídos desde a educação infantil ao ensino superior. Portanto, para que a inclusão de fato aconteça, é necessário muito mais do que apenas colocar esse aluno em sala de aula e discursar sobre ser inclusivo, mas que realmente pense em como compreender as suas necessidades e ampará-lo, contribuindo para o seu desenvolvimento.

Finalizo a escrita refletindo que a profissão docente envolve uma trajetória árdua, e, por vezes, frustrante, mas com a certeza de que para aqueles que anseiam em fazer a diferença, assim como eu sonhei desde criança, é necessário esperança, força, estudo, motivação e dedicação, pois ser professora é um ato de coragem e resistência.

#### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FRANCO, Marco A. Melo.; SILVA, Marcilene Magalhães da.; TORISU, Edmilson Minoru. **Inclusão e inovação pedagógica: políticas e práticas de formação no Ensino Superior.** Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação, Araraquara, v. 13. n. esp. 2, p. 1320-1333, set., 2018. ISSN: 1982-5587.

LUNARDI, Geovana Mendonça. **AS PRÁTICAS CURRICULARES DE SALA DE AULA E A CONSTITUIÇÃO DAS DIFERENÇAS DOS ALUNOS NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM.** Educação Especial / n. 15 . PUC-SP / UNISUL. Disponível em: <https://cursoalaim.paginas.ufsc.br/files/2018/05/As-pr%C3%A1ticas-curriculares-na-sala-de-aula-geovana-lunardi.rtf-09.05.pdf>

NONO, Maévi Anabel; MIZUKAMI, Maria da Graça Nicoletti. **Processos de formação de professoras iniciantes.** Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos, v. 87, n. 217, 2006. DOI: <https://doi.org/10.24109/2176-6681.rbep.87i217.812>